

O tema da *atenção* no debate filosófico contemporâneo e sua importância na formação humana

GENIVALDO DE SOUZA SANTOS*

RODRIGO PELLOSO GELAMO**

Resumo: O tema da *atenção* faz parte de uma temática esquecida e não valorizada pela filosofia e por sua história na medida em que seus laços com os pressupostos fundamentais da filosofia moderna constituem sua identidade. Assim, o tema da *atenção* ganhou importância e foi recuperado por estudiosos da filosofia antiga que, numa espécie de desvio dos pressupostos modernos, perceberam que a filosofia em sua plenitude não poderia ser considerada apenas como uma produção/exposição de um sistema teórico desligado da experiência que fazemos no mundo, mas que ela deveria ser tomada como *modo de viver* que nos implica profundamente e que pode ser praticado, exercitado, tendo como finalidade uma espécie de autotransformação (transformação humana). Buscamos ir além do sentido epistemológico atribuído ao tema da *atenção*, para tomá-lo como um tema eminentemente ético, na medida em que implica uma atitude que procura a ação mais adequada à situação. Como nova temática que visa arejar o debate filosófico e pedagógico, carece de uma sistematização, o que buscaremos com este trabalho, elegendo como referência teórica a obra de Pierre Hadot (1999, 2003, 2009).

Palavras-chave: Ética; Respeito; Relação professor-aluno.

Abstract: The theme of attention is part of a thematic forgotten and not valued by philosophy and its history in that its ties with the fundamental assumptions of modern philosophy constitute its identity. Thus, the subject of attention gained importance and was recovered by scholars of ancient philosophy that a kind of "deviation" of modern assumptions, realized that philosophy to its fullest could not be considered only as a production / exhibition of a detached theoretical system the experience we have in the world, but it should be taken as a "way of life" that deeply involves us and that is practiced, exercised, aiming at a sort of self-transformation. Surpassing the epistemological sense given the term and outlining how an eminently ethical issue, as it implies an attitude that seeks the most appropriate to your situation action. As new thematic seeking their inclusion in the philosophical and pedagogical debate, lacks a systematic, which seek with this work, in an attempt to respond to the following questions: i) How the subject of attention arises in the work of Pierre Hadot? ii) What is its impact on teacher-student relationship, in terms of educational and ethical seen?

Key words: Ethics; Respect; Teacher-student relationship.



* GENIVALDO DE SOUZA SANTOS é Doutor em Educação (Unesp/Marília); Professor Supervisor PIBID – FILOSOFIA.



** RODRIGO PELLOSO GELAMO é Doutor em Educação. Professor do Departamento de Didática da UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita" - Campus Marília. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP – Marília. Coordenador do PIBID – FILOSOFIA.



Introdução

Argumentando em favor de uma *Pesquisa E-ducativa Crítica*, o filósofo da educação Jan Masschelein (2008, p. 42) evidencia a aprovação de Michel Foucault em relação a afirmação de Blanchot, quanto este diz que a *crítica* começaria pela *atenção*, pela *presença* e pela *generosidade*. Em outro sentido, o filósofo catalão Josep Maria Esquirol (2008), ao criticar o predomínio do *olhar tecnocientífico* na cultura contemporânea, aponta a necessidade do desenvolvimento de um *olhar atento*, que possa nos orientar nos labirintos do consumismo, da indiferença, da violência, do efêmero, entre outros, que constituem a sociedade atualmente. Exercido como crítica, o *olhar atento* tem, para o autor, o sentido de *exame*. Em outras palavras, a criticidade teria o sentido de ver com *atenção*, de prestar atenção.

Tanto para Masschelein (2008) quanto para Esquirol (2008), a crítica é tomada como exercício que requer o elemento da *atenção*, compreendida numa chave ético-existencial e não apenas epistemológica. Tais pesquisas situam-se na contramão de uma tendência que acentua os aspectos neurofisiológicos e cerebrais do fenômeno, embora curiosamente “(...) pouco é falado sobre a atenção” (CALIMAM, 2008, p. 634)¹.

¹ O sentido geral de sua crítica aos modelos contemporâneos que pesquisam o tema da

Configurando um tema esquecido e não valorizado pela filosofia e por sua história.

Isto ocorreria na medida em que a filosofia é identificada com os pressupostos fundamentais da filosofia moderna, caracterizada pela busca da identificação entre Filosofia e Epistemologia, cujo objetivo é a domínio da realidade através da exclusividade de um conhecimento racional, claro e distinto, “purificado” de sua vinculação com o mundo da vida. Cujo fundamento é a consciência do sujeito que se reconhece como categoria ontológica superior (*res cogitans*) e independente do mundo (*res extensa*), capaz de produzir a partir de si um conhecimento objetivo e seguro da realidade.

Em contrapartida, Pierre Hadot (1999, 2003, 2009), filósofo francês e expoente na história da filosofia antiga que, numa espécie de “desvio” dos pressupostos modernos, percebeu que a filosofia, se coerente com suas origens gregas, não poderia ser considerada apenas como uma produção/exposição de um sistema

atenção repousaria na redução do fenômeno ao seu componente neurofisiológico cerebral pelas teorias psiquiátricas dominantes sobre TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Para ela, na nova economia biomédica “(...) os corpos da atenção foram reduzidos ao corpo cerebral e suas formas e funções atadas ao culto da performance.” (CALIMAM, 2008, p. 116)

teórico desligado da experiência que fazemos no mundo, mas que ela deveria ser tomada como “modo de viver” que nos implica profundamente e que é praticado, exercitado, tendo como finalidade uma formação humana que decorre de uma autotransformação que possa nos tornar dignos do que nos acontece.

Contemporaneamente, o tema da *atenção* pôde ser considerada como um tema de importância filosófica/educacional a partir deste registro, que busca não tanto informar (epistemologia), mas antes provocar um *efeito de formação* (Ética), ultrapassando o sentido epistemológico atribuído ao termo e delineando-se como um tema eminentemente ético, na medida em que implica uma atitude, ao mesmo tempo generosa e presente, que procura a ação mais ajustada à situação (para alguém/além dos padrões enrijecidos).

Por constituir uma nova abordagem que busca sua inserção no debate filosófico e pedagógico contemporâneo, carece de uma sistematização, o que buscaremos com este trabalho. Através de um recorte teórico circunscrito ao pensamento de Pierre Hadot (1999, 2003, 2009) buscaremos responder às seguintes questões: i) Como o tema da *atenção* surge na obra de Pierre Hadot? ii) Do ponto de vista didático e ético, qual seu impacto na formação humana, assumindo esta formação do ponto de vista escolar (através da relação professor-aluno)?

Apesar de sua importância no contexto escolar e na práxis educativa, o tema da *atenção* aparece de modo rarefeito e circunscrito a psicologia da educação (BENEDETTI et URT, 2008; KASTRUP, 2004, 2007) e não como um tema filosófico/educacional, tentativa que faremos neste trabalho.

Ressaltamos que o presente texto foi produzido no contexto de nossa experiência junto ao PIBID² – Filosofia, desenvolvida junto à UNESP – Marília em parceria com duas escolas estaduais, durante o período de 2010 – 2013, através de um intenso debate em torno do problema do “ensino de filosofia”. Uma experiência formativa que envolveu alunos da graduação em filosofia, professores da rede básica de ensino, professores da universidade, os alunos e gestores das escolas parceiras em torno de um objetivo, o aprimoramento do ensino básico desenvolvido na rede pública de ensino.

Pierre Hadot e a Filosofia como “modo de vida”

Para Hadot (1999, p. 15), reflete-se muito raramente sobre o que é em si mesmo a filosofia, ao mesmo tempo em que ele reconhece tal esforço em filósofos que produziram em torno desta questão, especificamente Deleuze e Guatarri, A. Philonenko, Bâle. (HADOT, 1999, p. 15. Nota de rodapé). Quiçá porque ela seja extremamente difícil de se definir, conclui o autor.

Aos estudantes de filosofia, nos diz Hadot (1999) – e nossa experiência confirma esta constatação - faz-se sobretudo conhecer *as* filosofias, para que nos exames se demonstre conhecer bem os problemas postos pelas teorias deste ou daquele autor através de uma dissertação, de tal modo que estudando as “filosofias” uma ideia da “filosofia” se configure, pois “(...) história da “filosofia” não se confunde com as das filosofias, caso se entenda por “filosofias” os discursos teóricos e os sistemas dos filósofos.” (HADOT, 1999, p. 15), mas ao lado da história da

2 Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência, desenvolvido em parceria à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

filosofia, “(...) há lugar para um estudo da vida e dos comportamentos filosóficos.” (HADOT, 1999, p. 15)

A representação que se faz hoje em dia da filosofia, segundo Hadot (1999) e que contrasta com a representação que se tinha da filosofia na antiguidade, é a de que os filósofos esforçaram-se sucessivamente para inventar de maneira original uma nova construção sistemática e abstrata que visa explicar o universo, ou, no caso dos filósofos contemporâneos, teorias também originais sobre a linguagem e a partir delas o convite a fazer uma escolha de vida, adotando um modo de comportar-se, entretanto, tal convite não entra na perspectiva do discurso filosófico.³

Sem menosprezar a “extraordinária capacidade dos filósofos antigos de desenvolver uma reflexão teórica sobre os problemas mais sutis da teoria do conhecimento, da lógica ou da física” (HADOT, 1999, p. 17) é a opção por um modo de vida que está na origem de seu discurso filosófico,

“(...) em complexa interação entre a reação crítica a outras atitudes existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária; e essa opção determina até certo ponto a doutrina e o modo de ensino dessa doutrina.” (HADOT, 1999, p. 17)⁴.

Destaca-se ainda o fato de que essa decisão e essa escolha, realizada pelo filósofo, jamais se faz na solidão, pois “(...) nunca houve filosofia nem filósofos fora de um grupo, de uma

comunidade, em uma palavra, de uma “escola” filosófica.” (HADOT, 1999, p. 18). Afirmar uma “escola” na antiguidade poderia nos indicar um erro quanto às origens históricas e a compreensão moderna da “escola”, porém faz-se necessário desvincular a a “escola” do ideário moderno e mais precisamente burguês, já que na interpretação de Hadot (1999) uma escola filosófica corresponde antes de tudo, a uma maneira de viver, a uma escolha de vida, a uma opção existencial.” (HADOT, 1999, p. 18).

Não se trata, adverte Hadot (1999), de opor modo de vida e discurso filosófico em um esquema teoria *versus* prática, tendo em vista que o discurso pode ter um efeito prático na medida que “tende a produzir um efeito sobre o ouvinte ou o leitor”; em relação ao modo de vida, de fato ele pode não ser teórico, mas teórico, em outros termos, contemplativo. Se o discurso filosófico participa do modo de vida, em contrapartida, a escolha de vida do filósofo determina seu discurso, o que nos leva a constatação de que os discursos filosóficos não podem ser tomados como realidades existentes em si e por si mesmas, independentemente do filósofo que a desenvolveu. Será tarefa do discurso filosófico revelar e justificar racionalmente esta opção existencial e a visão de mundo.

Um modo de vida teórico ou contemplativo, no contexto das filosofias helenísticas, para produzir tais *efeitos de formação* deve levar em conta os *exercícios espirituais*, isto é, “(...) práticas, que podem ser de ordem física, como o regime alimentar; discursiva, como o diálogo e a meditação; ou intuitiva, como a contemplação” (HADOT, 1999, p. 21) destinadas a modificar e transformar o sujeito que os praticam. Tais exercícios visam formar

3 Perspectiva que denota um erro quando aplicado à filosofia antiga, de acordo com Hadot (1999, p. 17).

4 “O discurso filosófico tem sua origem, portanto, em uma escolha de vida e em uma opção existencial, e não o contrário”. (HADOT, 1999, p. 18).

o espírito antes que informá-lo (HADOT, 1999). Constituem-se de exercícios, práticas, atividades, um trabalho sobre si mesmo, também denominada de *ascese de si*.

Para o estudioso do pensamento de Michel Foucault, Arnold I. Davidson, no prefácio do livro *Exercícios Spirituels et philosophie antique* (1993), o termo “espiritual” pode representar uma enorme dificuldade para um leitor contemporâneo, tendo em vista a pesada bagagem conceitual carregada pelo termo, porém Hadot (1993) não o utiliza no sentido religioso ou teológico, e invertendo a relação de precedência, nos adverte que os exercícios espirituais no sentido religioso representam são “um tipo particular” de “exercícios espirituais”, elaborados e desenvolvidos na antiguidade grega e recuperadas por Hadot (1993). Talvez o termo existencial pudesse dar conta da gama de aspectos que se arvoram sob o termo “espirituais”, na medida que possuem um valor existencial que visa nossa maneira de viver, nosso modo de estar no mundo. O ato filosófico nos diz Hadot (1993) não se situa somente na ordem do conhecimento, mas na ordem do “si” e do “ser”, ou seja, na ordem da experiência.

Ainda tematizando a dificuldade do termo espiritual e especulando possíveis substitutos que possam evitar a dificuldade colocada acima, Arnold I. Davidson nos revela que os adjetivos “intelectuais” ou “morais” que se posporia ao termo “exercícios” não cobrem todos os aspectos do adjetivo “espirituais”, como o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, bem como a vontade. (HADOT, 1993, p. 9)

Nas escolas filosóficas helenísticas e romanas os exercícios espirituais são facilmente observados, os estoicos declararam explicitamente o caráter

experiencial da filosofia, aos seus olhos a filosofia não consiste no ensino de uma teoria abstrata, mas uma *arte de viver*, uma atitude, um estilo de vida determinado que compromete toda nossa existência. Já que, como nos adverte Hadot (1993), a principal causa do sofrimento, da desordem e da inconsciência repousa nas paixões: desejos desordenados, medos exagerados, a preocupação que obstaculiza viver verdadeiramente. Deste modo, a filosofia aparece em primeiro lugar, como uma terapêutica das paixões e cada escola tem seu próprio método terapêutico. (HADOT, 1993, p. 23-24).

Não há ainda um tratado sistemático que codifique todos exercícios espiritual praticados na antiguidade, entretanto, as referências a estas atividades específicas são muito frequentes nos registros da época helenística e romana e graças a Philon de Alexandria nos chegaram duas listas de exercícios que tem o valor de oferecer uma imagem bastante completa da terapêutica filosófica de inspiração estoico-platônica. (HADOT, 1993, p. 25-26). Uma destas listas aparecem enumeradas os seguintes exercícios: “*la recherche (zetesis), l'examen approfondi (skepsis), la lecture, l'audition (akroasis), l'attention (prosochè), la maîtrise de soi (enckrateia), l'indifference aux choses indifférentes.*” (HADOT, 1993, P. 26. Grifo nosso).

A atenção como exercício espiritual

Partindo desta concepção de filosofia, o tema da *atenção* ocupa um lugar privilegiado nos *exercícios espirituais* praticados nas *escolas filosóficas*, cujos registros históricos atestam sua existência. Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo e Cinismo compõem o conjunto das principais escolas filosóficas da antiguidade helenística,

entretanto as pesquisas de Hadot (1993, 1999, 2009) também contemplam as escolas filosóficas da antiguidade clássica (Academia/Platão e Liceu/Aristóteles). Em todas elas, Hadot (1999) constatou que antes de se constituírem nos moldes das universidades contemporâneas, sustentavam-se através da relação mestre-discípulo e da busca da sabedoria por meio dos *exercícios espirituais*.

Dentre as escolas filosóficas helenísticas e romanas, é o estoicismo que mais valoriza o tema da *atenção*, a ponto de constituir para o estóico da segunda geração, “um ato único, que era necessário praticar a cada instante, em uma *atenção (prosokhé)* incessantemente renovada a si mesmo e ao momento presente”. (HADOT, 1999, p. 203), adquirindo o *status* da atitude fundamental do estóico. (HADOT, 1993, 1999). Graças a ela, o filósofo sabe plenamente o que ele está fazendo a cada momento e com este “espírito de vigilância”, consegue distinguir o que depende de nós e que não depende de nós.

Na obra *La Filosofía como forma de vida* (2009), o tema da *atenção* aparece no último capítulo como uma concentração no presente face à reflexão da própria morte, um exercício de imaginação que visa uma dupla libertação: do passado e do futuro (HADOT, 2009, p. 240). Esta concentração no momento presente é o que podemos realmente fazer, pois “(...) ya no podemos cambiar nada del pasado, tampoco podemos actuar sobre lo que todavía no es. El presente es el único momento em que podemos actuar. El presente es, así, una exigencia de la acción.” (HADOT, 2009, p. 240). Entretanto, este presente que espera a *atenção* não é o instante matemático e

infinitesimal, mas “(...) la duración em la que ejercemos la acción, la duración de la frase que pronunciamos, del movimiento que ejecutamos, o de la melodía que escuchamos.” (HADOT, 2009, p. 240).

A felicidade, nos diz Hadot (2009), está no momento presente pela simples razão de que “(...) no vivimos más que el presente; a continuación, porque pasado y porvenir son casi siempre fuente de sufrimiento” (p. 242). Para os epicuristas a *atenção* ao presente nos garante a possibilidade de descobrir “(...) el placer de existir, tan bien descrito por Rousseau em el quinto paseo de las *Ensayos sobre el paseante solitario*.” (HADOT, 2009, p. 242). Porém, “este momento feliz” não representa para Hadot (2009), à luz desta concepção de Filosofia “(...) uno de aquellos momentos perfectos de los que habla Sartre em *La Náusea*”, mas em reconhecer o valor infinito de cada momento. Mas nos alerta, trata-se de um exercício bastante difícil.

Temos a sensação de que nossa vida, afirma Hadot (2009) está sempre “incacabada”, fragmentada, no seu sentido mais amplo porque projetamos nossa *atenção* para o futuro e acreditamos que seremos felizes na medida que alcançarmos tal ou qual objetivo, e quando o conquistamos já deixa de nos interessar e continuamos o processo de perseguição de outras metas, nas palavras do filósofo, “no vivimos, tenemos la esperanza de vivir, esperamos vivir”. (HADOT, 2009, p. 244).

As escolas filosóficas helenísticas, especialmente Estóicos e Epicuristas, nos convidam a efetuarmos uma mudança radical na nossa relação com o tempo, isto é, prestar *atenção* ao presente, significa não viver no futuro, como se não houvesse futuro, como se

não tivéssemos em nossas mãos apenas este dia, este momento para viver e vivê-lo da melhor maneira possível, como se fosse o último dia, o último momento de nossa vida. (HADOT, 2009, p. 244).

Entretanto, “não se trata () aquí de falsa tragedia, lo cual sería ridículo, sino de un medio de descubrir todo lo que podemos poseer em el instante.” (HADOT, 2009, p. 245). Em outras palavras, trata-se de concentrar-se na ação que se realiza neste momento preciso, o melhor possível, e fazê-lo em si mesmo, sem torná-lo meio para outras possíveis ações. Um exercício que traduza a afirmação: “(...) ahí estoy, aquí, vivo, y esto basta, () aquí, em un mundo inmenso y maravilloso. Es el instante presente, decía Marco Aurelio (VI, 25), lo que nos pone em contato con el cosmo entero. (HADOT, 2009, p. 245). Esfuerzo destinado sobretudo a novamente situar o ser humano ante a imensidão do universo “(...) haciéndole tomar conciencia de lo que es.” (HADOT, 2009, p. 247).

Para termos êxito nesta prática, lembramos Hadot (2009), faz-se necessário considerar nossa personalidade, nossos pensamentos e sentimentos como uma entidade separada, pois a identificação com tais instâncias é considerada como uma espécie de “ilusión de óptica”, uma ilusão que nos fecha numa espécie de prisão, pois impede que vejamos além de nossas próprias aspirações, restringindo nossas relações de afeto ao pequeno número de pessoas que nos são próximas. Esta abertura ao “outro”, potencialmente desconhecido, configura como um dever, como diz Hadot (2009): “Es nuestro deber salir de estos estrechos límites y abrir nuestro corazón a todos los seres vivos y a la naturaleza entera em su magnificencia.” (HADOT, 2009, p. 249).

Esta abertura, dada pela não identificação com nossa personalidade, pensamentos e sentimentos nos livra de uma visão convencional e rotineira das coisas, nos devolvendo uma “(...) visión bruta, ingenua, de la realidad” (HADOT, 2009, P. 254), bem como possibilitando a percepção do esplendor do mundo que geralmente nos escapa.

Anteriormente falávamos da centralidade da atenção para o estoicismo, queremos finalizar esta seção lembrando a importância deste exercício para a ação ética, na medida em que nos permite responder imediatamente aos eventos, bem como às questões que nos são bruscamente apresentadas.

Considerações didáticas e éticas da atenção na formação humana

A *atenção*, como vimos, é um esforço para tornar-se presente no momento vivido, um estado de abertura que comporta um abandono completo e total da vinculação do “presente vivido” tanto do passado, quanto do futuro; bem como a não identificação com nossos pensamentos e sentimentos, para que possamos reconhecer o *valor infinito* do instante, o que nos torna mais apto à ação justa, portanto, ética. Esta ação depende, em grande medida, deste esforço que pode ser traduzido como a resposta mais adequada face ao imprevisível da existência humana. Apesar das inúmeras tentativas filosóficas e científicas que buscam “a verdade” sobre a existência humana, as perguntas mais fundamentais e mais importantes continuam abertas.

O filósofo catalão J. M. Esquirol (2008)⁵ concebe a *atenção* como o

5 Esquirol (2008) propõe o tema da *atenção*, vinculando-o ao olhar, isto é, o olhar atento. Para destacá-lo e torná-lo mais visível, estrategicamente contrasta com outro tipo de

núcleo íntimo de uma atitude moral, designada por ele como “respeito”, vinculação estabelecida desde as origens desta palavra, tendo em vista que a palavra latina *respecto* significa voltar a olhar (*re* – voltar e *specto* – olhar), ou seja, “olhar de novo”, “voltar a olhar”, em suma “olhar com atenção”. Atitude que revela uma saída de um estado preexistente de certa dispersão, sonolência ou imersão no fluxo das coisas, assim sendo, a atenção é ora um despertar, no caso da sonolência, ora um esforço que consiste em deixar o movimento impessoal, em sair do fluxo, em *deter-se*. Embora “sair da corrente para deter-se custa mais do que parece” já que “(...) nos habituamos à ausência de esforço e à comodidade que isto supõe”. (ESQUIROL, 2008, p. 61). Uma atitude que revela uma dupla vinculação: ao mesmo tempo ética e epistêmica: Afinal, como aprender algo, especialmente, na educação escolar, sem atenção?

Não é esse o sentido atribuído a uma das frases proferidas infinitamente por nós, professores: “Prestem atenção!”? Quer dizer, acordem, despertem, deixem a distração e a dispersão, foquem-se, concentrem-se. Sabemos que a aprendizagem efetiva necessita de atenção, mas como é difícil mantê-la. Especialmente nos dias de hoje, em que aparelhos de todos os tipos prometem mil e uma facilidades e mil e uma maneiras de nos distrair para que o *tempo passe mais rápido*, evitando o tédio, especialmente nas estruturas das salas de aulas contemporâneas e na maneira como o currículo é desenvolvido, isto é, privilegiando apenas uma dimensão supostamente epistemológica.

Nesta estrutura, em geral, o aluno é

olhar, oposto do olhar, isto é, o “olhar tecnocientífico”.

categorizado a uma categoria numérica que deve ser controlado e mantido quase a qualquer custo dentro da sala de aula. Apesar dos efeitos massificantes que tais estruturas produzem nos seus sujeitos, ainda assim é possível e necessário prestar atenção, quiçá seja esta uma das saídas para a transformação da educação escolar desde as relações (éticas) que são estabelecidas entre aluno-professor em sala de aula.

Esta situação vivenciada em sala de aula revela algo mais, que vivemos em uma sociedade da desatenção e da indiferença, falta de atenção que compromete a concretização dos processos de ensino e aprendizagem, além é claro, e aqui é onde colocamos maior ênfase, mina os canais de comunicação e compreensão, fundamentais na constituição dos laços humanos. Como aprender sem estarmos atentos? Como manter vínculos éticos sem atenção em nossa ação?

Deter-se significa realmente parar, buscar uma serenidade que nos force a “ver”, não vê mais quem corre mais ou quem mais se move, mas sim o mais capaz de se deter. Qual o *locus* da ética nas sociedades em que vivemos, orientadas pela velocidade e pela pressa, nas quais o tempo, sempre insuficiente, não deve ser “desperdiçado” com coisas que não tenham um valor útil, coroadas pelo desejo de lucro?

Contemporaneamente, a qualidade de algo está ligado à sua velocidade, à rapidez, ao instantâneo, bem como com o imperativo da eficiência, num esquema em que adquirir maior velocidade implica em economizar tempo e nos é dito que, na ótica capitalista, tempo é dinheiro: mais tempo mais dinheiro/lucro.

Nesta ótica, deter-se, para ver com

atenção, para estar presente, para acolher o acontecimento que nos interpela, não tem sentido, pois significa perder, significa *não-ser*, uma espécie de autoanulação como ser social, significa uma derrota. Dentro da lógica do sistema reinante só há espaço para ganhar, adquirir, maximizar *ad infinitum*. Assim, em tempos de busca exagerada por lucro/ganho vale a pena, num esforço realmente ético, reelaborar rituais de “perda”, “perder” tempo intencionalmente, conscientemente, deliberadamente, face ao mais importante: “(...) ahí estoy, aquí, vivo, y esto basta, () aquí, em un mundo inmenso y maravilloso.” (HADOT, 2009, P. 245)

De fato, sabemos hoje em dia que maximizando o tempo através da equação “menos investimento (tempo/dinheiro/energia) mais lucro”, ganhamos mais dinheiro, mais prestígio, mais sucesso, mais fama, mais tecnologia, mais poder, entretanto *o que perdemos* quando ganhamos tudo isto? Invertendo está lógica, também devemos nos questionar *o que ganhamos* quando “perdemos” tempo com alguém que nos é importante, porém não lucrativo, quando “perdemos” tempo com o aluno “indisciplinado”, “apático”, “desinteressado” ou quando “perdemos” tempo conosco mesmo, através de algum tipo de “exercício espiritual” (HADOT, 1993), com alguma atividade que tem a ver conosco mas que não leva em conta o lucro econômico ou algum tipo de interesse “útil”?

A atividade filosófica, vagarosa e “inútil”⁶ por natureza é tida como um

6 É bastante conhecida a argumentação da filósofa Marilena Chauí a esse respeito. Para ela “Se (...) abandonar não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a

empecilho na lógica tecnocientífica capitalista, assumindo a forma de um preconceito em relação aos filósofos e suas atividades, incluindo a docente. Não é raro escutarmos de nossos alunos e alunas que a filosofia é um desperdício de tempo, já que não se chega a “lugar nenhum”, já que não há uma conclusão definitiva e objetiva, nem mesmo uma certeza que garanta segurança, características que se tornam mais evidentes quando contrastadas com a imposição de pressa e da velocidade como indício de produtividade na precoce inserção desses alunos e alunas no mundo do trabalho/ocupação que lhes garante a sobrevivência.

De que me serve a filosofia se o que me é exigido é a rapidez e a velocidade? “Se eu for parar para pensar no meu emprego estarei demito/demitida! Se eu parar para pensar nas minhas atividades, que exigem a pressa, não conseguirei realizá-las!” Tais são alguns dos questionamentos e argumentos mais comum em sala de aula quando o que é exigido é apenas um tempo para/de reflexão, para/de um pensamento mais elaborado, mais consequente, que exige “perda” de tempo. Estamos tão acostumados à pressa e ao funcionamento da máquina, que não necessita de nenhum sentido para funcionar, que não sabemos mais o que fazer com o pouquíssimo tempo que não é sugado pelo sistema tecnocientífico. Paradoxalmente um tempo cuja passagem nos entedia por limitar, dentro deste sistema, o

significação do mundo, da cultura, da história for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes” (2007, p. 15)

reconhecimento de nossa estrutura “humana”: imprevisível, sem fundamentos, livre, aberta, sensível, em busca de sentido. Ao mesmo tempo que oferece meios de distração e dispersão, numa tentativa de evitar o agravamento desta sensação de tédio, provocada pela dependência mesma do sistema tecnocientífico.⁷

A atitude atenta apura nossos sentidos e nos faz mais vulneráveis aos “objetos” de nossa atenção, atitude que nos solicita um esforço e uma pausa para que possamos sair do fluxo de um mundo nos aparece como “liso”, uniforme e homogêneo. Precisamente, nas regiões e nas coisas que nos rodeiam e que tem para nós um caráter familiar é que nos acomodamos em certo estado de desatenção, nos levando a um movimento de dispersão entre as coisas. Entretanto, é nela que devemos parar e apurar os sentidos, apurar o olhar para que o simples e o comum que abunda em nosso cotidiano se mostre em sua estranheza, profundidade e maravilha.

A vulnerabilidade proporcionada pelo olhar atento também pode ser caracterizada como uma abertura que tem o potencial de nos abrir para o mundo, para que ele faça algo conosco e para que possamos nos transformar. O que implica uma concepção não cindida da realidade, na medida em que a transformação de si implica na transformação do mundo do si, não

sendo possível a transformação de apenas um lado, isolado do outro. O contrário é perfeitamente compreensível a partir da filosofia cartesiana, sustentada na ruptura radical entre sujeito-consciência e objeto-mundo, constituídos de substâncias diferentes e hierarquicamente organizadas. Idêntico a si, o sujeito do conhecimento, sustentado pelo ato originário da dúvida, extrai de si a legitimidade da verdade sobre o mundo e sobre ele exerce sua atividade e comanda, imune a qualquer transformação.

O *olhar atento*, em contraste com o olhar passivo do telespectador, com o olhar teleguiado do internauta e com o olhar numérico e estatístico do burocrata, que têm em comum a quase completa ausência de emoções (exemplificando algumas atitudes que abundam em nosso cotidiano e que invadem as relações humanas), lembramos da oportunidade única da existência humana.

Em termos de benefícios, o *olhar atento* contribui para uma autoformação humana, tendo o potencial de nos conduzir a importantes percepções e descobertas. Não da descoberta do desconunal ou do espetacular, mas da descoberta da eterna novidade do presente vivido, que nos revela um mundo que nos é constantemente oferecido como digno de admiração e, portanto, de atenção.

7 Richard Sennet (2003) exemplifica esta situação – do sentimento de impotência face ao sistema tecnocientífico sustentado pela economia neoliberal, que denota dependência, ao mesmo que barra as ações espontâneas de solidariedade, minando com isso o vínculo fundamentalmente ético entre os homens, alterando a maneira como concebemos a vida e o homem - a partir de uma perspectiva política em seu livro *El Respeto: Sobre la dignidad del hombre en un mundo de desigualdad*.

Referências

BENEDETTI, I. Et URT S. C. Escola, ética e cultura contemporânea: reflexões sobre a constituição do sujeito que “não aprender”. In **Psicologia da Educação**. 27, 2. sem. De 2008, pp. 141-155.

CALIMAM, L.V. Os valores da atenção e a atenção como valor. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 3, p. 632-645, 2. sem. 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a06.pdf>>. Acesso em 20 mai 2015.

ESQUIROL, J.-M. **O respeito ou o Olhar atento**. Uma ética para a era da ciência e da tecnologia. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

HADOT, P. **O que é filosofia antiga?** Trad. Dion Davi Macedo. Ed. Loyola. 1999, São Paulo.

_____ **Exercices Spirituels et philosophie antique**. Ed. Albin Michel S.A, 2003. Paris.

_____ **La filosofía como forma de vida**.

Conversaciones com Jeannie Carlier Y Arnold Davidson. Trad. María Cucurella Miquel. Alpha Decay. 2009. Barcelona.

KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. In **Psicologia & Sociedade**. 16, 3, set-dez. 2004, UFRJ, pp. 7-16.

_____ O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In **Psicologia & Sociedade**, 15, 1, jan-abr 2007, UFRJ, pp. 15-22.

MASSCHELEIN, J. — E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobrell.

Revista Educação e Realidade n. 33 vol.1, p. 35-48, jan.- jun. 2008.

SENNET, R. **El respeto: Sobre la dignidad del ombre em un mundo de desigualdad**. Trad. Marco Aurelio Calmarini. Ed. Anagrama. 2003, Barcelona. Colección Argumentos.

Recebido em 2015-05-21
Publicado em 2015-06-11